

DESIGUALDADE DE GÊNERO NO ESPORTE

Karen Souza <karensouzavenancio@gmail.com>

Reportagem feita em 2019 para a disciplina de Mídia Impressa

A desigualdade de gênero está presente em diversas áreas da sociedade e, no esporte, não é diferente. De acordo com o relatório “Movimento é Vida” feito em 2017 pelo programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), o número de mulheres que praticam atividades físicas ou esportivas no Brasil é 40% inferior aos homens. O relatório destaca, também, que as origens históricas do esporte como uma atividade masculina, as desigualdades de oportunidade e de remuneração no mercado de trabalho e a maior responsabilidade das mulheres pelas tarefas domésticas são alguns dos elementos aos quais as diferenças de gênero estão relacionadas.

A legislação brasileira não contribuiu muito para a mudança desse cenário. “No Brasil, durante bastante tempo, o futebol feminino foi proibido enquanto prática profissional”, exemplifica Leda Costa, professora e pesquisadora do LEME (Laboratório de Estudos em Mídia e Esporte) da UERJ, em relação ao decreto-lei que criminalizou, de 1941 até 1979, o futebol jogado por mulheres, além de outros esportes como o rugby, o baseball e lutas de qualquer natureza. Segundo ela, a lei tinha por justificativa evitar a masculinização dos corpos femininos: “Isso também indica que o corpo das mulheres socialmente é muito mais vigiado do que o dos homens, ele tem padrões a serem seguidos, um papel muito vinculado à beleza e à maternidade”, explica Leda.

Do século XX para cá, a participação feminina aumentou nas mais diversas modalidades esportivas, mas o preconceito, o machismo e a estigmatização dos corpos femininos não diminuíram. Embora essa situação não seja recorrente em todas as categorias esportivas. “Alguns esportes como o futebol, o box, sempre foram considerados mais masculinos, um risco para o corpo da mulher. Qual risco? Tornas esse corpo pouco feminino”, pontua Costa.

Dessa forma, ainda há muito o que se percorrer. Segundo a pesquisadora, os esportes, como campo social, ainda são um espaço de razoável manutenção de machismos e que ainda resiste mudar essa realidade. Através de histórias de atletas é possível perceber como isso ainda se faz presente e como é preciso desconstruir pensamentos que a sociedade construiu ao longo dos séculos.

Esse é o caso da Julie Gama, 19, estudante de história pela Unirio e jogadora de futebol americano do Bangu Castores. Ela conta que desde criança sempre buscou manter contato com os mais variados esportes e atividades. Já fez *ballet*, natação, futsal e judô, mas só recentemente se interessou pelo futebol americano, onde joga como *running back* no time de ataque. Julie comenta que seu maior desafio é comprar equipamentos, pois só encontra tamanhos masculinos. “Às vezes o vendedor falava ‘É pra quem, a chuteira? Pro seu irmão?’, e eu respondia ‘Não, é pra mim’”, compartilha.

No futebol, Larissa Mendes, 20, estudante de ciências sociais pela UFRJ conta que sua paixão pelo esporte também nasceu na infância. “Desde muito cedo meu pai e meu tio-avô me estimulavam a jogar futebol e isso é uma coisa muito rara hoje”. E complementa: “Quando eu jogava na praça, o meu pai é que tinha que pedir para os meninos deixarem eu jogar, porque, se eu pedisse, eles não deixavam”. Para ela, o maior desafio está na valorização das atletas e em ter voz ativa. “Se hoje eu posso ser mulher e atleta é lembrando das mulheres que já vieram antes de mim e eu acho muito importante falar das mulheres que vieram anteriormente porque se hoje o futebol feminino está tendo um pouco mais de visibilidade é porque essas mulheres estiveram antes lutando”.